



Universidade Federal De Ouro Preto - UFOP
Departamento De Educação

Artigo

A importância da música na Educação Infantil

Julia Viana Dias

Mariana, MG
2024

Júlia Viana Dias

A importância da música na Educação Infantil

Artigo apresentado ao curso de Pedagogia da Universidade Federal de Ouro Preto – UFOP, como requisito para obtenção de título de licenciatura em pedagogia, orientado pelo docente: Professor. D. Edilson V. de Lima.

Mariana

2024

SISBIN - SISTEMA DE BIBLIOTECAS E INFORMAÇÃO

D541i Dias, Julia Viana.
A importância da Música na educação Infantil. [manuscrito] / Julia
Viana Dias. - 2024.
26 f.

Orientador: Prof. Dr. Edilson Vicente de Lima.
Monografia (Licenciatura). Universidade Federal de Ouro Preto.
Instituto de Ciências Humanas e Sociais. Graduação em Pedagogia .

1. Educação infantil. 2. Música. 3. Psicomotricidade. 4. Jogos e
Brinquedos. I. Lima, Edilson Vicente de. II. Universidade Federal de Ouro
Preto. III. Título.

CDU 373

Bibliotecário(a) Responsável: Luciana Matias Felício Soares - SIAPE: 1.648.092



FOLHA DE APROVAÇÃO

Julia Viana Dias

A importância da música na educação Infantil

Artigo apresentada ao Curso de Educação da Universidade Federal de Ouro Preto como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada.

Aprovada em 07 de fevereiro de 2024

Membros da banca

Dr. Edilson V. Lima - Orientador(a) Universidade Federal de Ouro Preto
Dr. Erisvaldo Pereira dos Santos - Universidade Federal de Ouro Preto
Dr. Marcelo Loures - Universidade Federal de Ouro Preto
Dr. Fernanda Aparecida Oliveira Rodrigues Silva - Universidade Federal de Ouro Preto
Dr. Daniel Abud Seabra Matos também - Universidade Federal de Ouro Preto

Edilson V. Lima, orientador do trabalho, aprovou a versão final e autorizou seu depósito na Biblioteca Digital de Trabalhos de Conclusão de Curso da UFOP em 09/04/2024



Documento assinado eletronicamente por **Edilson Vicente de Lima, PROFESSOR DE MAGISTERIO SUPERIOR**, em 09/04/2024, às 13:30, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site http://sei.ufop.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **0697201** e o código CRC **25A59A7E**.

Resumo

Este trabalho é resultado de uma pesquisa bibliográfica, na qual se analisa a importância da música na educação infantil, com o objetivo de pesquisar como a prática pedagógica musical é fundamental para o desenvolvimento integral da criança. Através de leituras e reflexões, buscou-se estudar quais os efeitos da música sobre transferência cognitiva entre áreas do conhecimento, a relação entre música e crianças com necessidades especiais, os benefícios da musicalização para bebês e crianças de 2 a 5 anos de idade. A metodologia aplicada a esta pesquisa é de cunho qualitativo com respaldo científico nos estudos de Lev Vygotsky, Jean Piaget, Beatriz Ilary, Esther Beyer, e o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (RCNEI). Quanto aos resultados podemos concluir que a música desempenha um papel muito importante de fato ao auxiliar na melhora de certas habilidades, como por exemplo na memória e na concentração das crianças.

Palavras-chave: Psicomotricidade, música, educação infantil, cognição, desenvolvimento, ludicidade

Abstract

This work is the result of a research bibliographic, in which it analyzes the importance of music in child education, with the goal of researching how the pedagogical practice of music is important for the development integral of a child. Through the readings and reflections, searched study what the effects of the music about the transference cognitive in between areas about knowledge, the relation between music and child with special needs, the benefits of musicalization for the babies and children of 2 and 5 years old. the methodology applied in this research is character qualitative with basis scientific studies about Lev Vygotsky, Jean Piaget, Beatriz Ilary, Esther Beyer and the Referential Curricular Nacional Curricular Nacional for the infantile education (RCNEI). About the results we can conclude that music makes the fact very important to the auxiliary in improving some skills, for example in the memory and concentration for the children.

Keywords: child, music, education, cognitive, development

Introdução

Devir a ser criança de acordo com o filósofo Deleuze, Guattari não é simplesmente tornar-se uma criança, o devir é o encontro entre duas pessoas, ideias que provocam algo que não possui temporalidade, é algo sempre contemporâneo. Devir a ser criança é explorar a capacidade criadora da infância, carregada de experiências e significados. Além disso, a música é uma forma de comunicação e expressão presente em nossa sociedade e nas aulas de educação infantil, faz parte da vida das crianças, desde as canções de ninar, até as "aulinhas" de bandinhas rítmicas, danças e brinquedos. Desse modo, o surgimento desta pesquisa partiu da ideia de compreender, qual a importância da música na educação infantil? De que modo a música pode contribuir cognitivamente na aprendizagem e desenvolvimento infantil de maneira integral? Qual a relação entre afetividade, criatividade, percepção e imitação no fazer musical? Estas são algumas perguntas a que proponho responder no decorrer deste artigo.

Desse modo, considerando a infância como uma das etapas mais importantes da vida, deixo um pouco do meu relato sobre minha relação com a música. Desde muito pequena na minha infância, sempre estive em contato com um ambiente cercado de música, lembro-me de quando meu pai me ensinou a tocar violão quando eu tinha 10 anos, lembro das primeiras notas e da primeira música que aprendi e que se chama “ para não dizer que não falei das flores ” de Geraldo Vandré. Eu sempre me identifiquei com a música, gostava de cantar e meu pai dizia que eu comecei a cantar desde que era bem pequena, e foi somente depois que desenvolvi o gosto pelo violão, pois sempre via meu pai tocar e a partir daquele momento eu quis aprender.

Esta identificação pela música foi crescendo cada vez mais, foi algo que sempre fez parte da minha vida, quando eu estava triste eu começava a cantar ou tocar violão, foi algo muito significativo que me trouxe diferentes sensações. Este encanto pela música desde minha tenra infância nutriu o meu interesse por buscar cada vez mais estar perto da musicalidade e compreender como está pode fazer parte da vida das crianças de maneira positiva, assim como fez com a minha.

É um fato da minha existência, como diz Biesta (2017, p. 80, *apud*, PEREIRA,2020) sustenta que “o que nos ‘torna’ um ser único, singular, não é nossa identidade, não é um conjunto de atributos que só pertencem a mim, mas é o fato de que eu sou responsável e de que eu não posso escapar dessa designação”. Desse modo, a unicidade e singularidade só podem existir pela existência da presença de outros que são diferentes de mim, é a unicidade que faz com que eu não possa ser substituída por ninguém, que eu seja única e que me possibilita responder ao chamado que tenho como futura educadora de transmitir a minha musicalidade aos meus alunos. Pois o mundo é constituído por diversas pessoas diferentes de nós, assim, é essencial que não haja obstáculos para que os outros aprendam.

Sendo assim, tenho a responsabilidade como futura educadora de respeitar as singularidades e unicidade dos alunos contribuindo para uma educação democrática. Este encanto pela música desde minha tenra infância nutriu o meu interesse por buscar cada vez mais estar perto da musicalidade e compreender como está pode fazer parte da vida das crianças de maneira positiva, assim como fez com a minha.

A metodologia utilizada na escrita deste artigo é baseada em pesquisas bibliográficas, através de livros, artigos científicos e sites como Scielo, Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Educação (ANPED) e a Associação Brasileira de Educação Musical (ABEM).

Portanto, nos tópicos a seguir serão descritos, o que é infância, as fases do desenvolvimento infantil, a importância da música no desenvolvimento cognitivo, afetivo e motor da criança, com respaldo teórico nos autores como Piaget, Vygotsky, e GREINER, Christine, ILARI, Beatriz, BEYER, Esther e o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (RCNEI).

1 O que é a infância? As fases do desenvolvimento Infantil

O que é a infância? Pode-se compreendê-la como a primeira etapa da vida, que se constitui no tempo, como ser que ainda está em desenvolvimento, além de tudo, é uma condição da experiência humana. De acordo com KOHAN:

Dentre eles, G. Agamben mostra como a infância é, antes de uma etapa, uma condição da experiência humana (2001, p. 5 ss.). (...) Agamben esclarece que ela indica uma condição: infância é tanto ausência, quanto busca de linguagem; só um infante se constitui em sujeito da linguagem e é na infância que se dá essa descontinuidade especificamente humana entre o dado e o adquirido, entre a natureza e a cultura. O ser humano é o único animal que aprende a falar, e não poderia fazê-lo sem infância. (Kohan, Walter, 2014, p.3).

A partir da fala deste autor, podemos compreender que além da infância ser carregada de experiências, ela também é um momento muito importante na qual o indivíduo está desenvolvendo sua linguagem, antes de aprender a falar qualquer pessoa foi uma criança um dia e teve diferentes vivências que trazem em sua memória os primeiros sons, as primeiras palavras até se constituírem em frases que possibilitaram uma melhor comunicação através da linguagem.

Além disso, compreender o que significa infância é entender que a temporalidade é algo crucial na fase da vida humana. Os gregos utilizaram a palavra *Chronos*, para dizer que existe uma linha de tempo sucessiva, sendo a relação entre passado, presente e futuro. Além da palavra *Chronos*, a palavra *Aión*, que revela a intensidade da vida humana, em uma temporalidade intensa, possui uma relação com a infância:

O intrigante fragmento 52 de Heráclito conecta esta palavra temporal ao poder e à Infância. Ele diz que “aión é uma criança que brinca (literalmente, “criançando”), seu reino é o de uma criança”. Há uma dupla relação afirmada: tempo-infância (aión - paîs) e poder- infância (basileíe – paîs). Este fragmento parece indicar, entre outras coisas, que o tempo da vida não é apenas questão de movimento numerado e que esse outro modo de ser de temporal parece com o que uma criança faz. Se uma lógica temporal segue os números, outra brinca com os números. (KOHAN, Walter, 2014, p.4).

Nesse sentido, a infância é algo intenso, não é algo apenas quantificável, como no significado da palavra *Aión*, é uma criança que brinca, e não podemos pensar a infância sem falar das brincadeiras, que são extremamente importantes para a aprendizagem e desenvolvimento infantil.

Outrossim, a infância também é inventar, as crianças adoram inventar algo novo. A poesia do mato-grossense Manoel de Barros, Memórias inventadas: a infância

(2003), nos traz um pouco deste conceito de inventar e como as memórias podem ter relação com a invenção, algo que a criança inventa para ela sempre é verdadeiro. Isto faz parte do lúdico, da recriação, por exemplo, uma criança pode inventar que uma caixinha de fósforo é um carrinho, e em seu mundo imaginário, isto constitui-se como uma verdade naquele momento da brincadeira, algo também que faz parte de sua memória.

Desse modo, a infância é algo que habita a temporalidade, carregada de memórias e experiências. Sendo o devir a ser criança a:

(...) infância que interrompe a história, que se encontra num devir minoritário, numa linha de fuga, num detalhe; a infância que resiste aos movimentos concêntricos, arborizados, totalizantes: “a criança autista”, “o aluno nota dez”, “o menino violento”. É a infância como intensidade, um situar-se intensivo no mundo; um sair sempre do “seu” lugar e se situar em outros lugares, desconhecidos, inusitados, inesperados. (KOHAN, Walter, 2014, p. 10)

Devir-criança não é tornar-se uma criança, infantilizar-se, nem sequer retroceder à própria infância cronológica. Devir é um encontro entre duas pessoas, acontecimentos, movimentos, idéias, entidades, multiplicidades, que provoca uma terceira coisa entre ambas, algo sem passado, presente ou futuro; algo sem temporalidade cronológica, mas com geografia, com intensidade e direção próprias (Deleuze; Parnet, 1988, p. 10-15). Um devir é algo “sempre contemporâneo”, criação cosmológica: um mundo que explode e a explosão de mundo. (KOHAN, Walter, 2014, p. 11).

Temos neste sentido, uma infância carregada de sentidos, uma infância que também se constitui como minoritária, como as crianças que possuem distúrbios de aprendizagem, cada uma dessas infâncias possui suas singularidades, assim como também sua intensidade que está relacionada com o devir a ser criança que não possui cronologia, mas que se caracteriza como a troca de ideias entre por exemplo um aluno e uma professora, que carrega intencionalidades de por exemplo proporcionar diferentes situações de aprendizagem a aquela criança.

A infância também perpassa por diferentes fases, desde o nascimento a criança interage com o mundo de uma forma perceptiva e interativa. Autores da psicologia como Piaget, caracterizaram o desenvolvimento infantil em fases na qual em cada uma delas a criança aprende. A primeira fase é a sensório motora que compreende o período de 0 a 2 anos de idade, na qual as ações do bebe são reativas, ao

explorar o ambiente, ele engatinha, movimenta o corpo, ao tentar interagir com algum objeto, por exemplo:

Vamos supor um bebê no berço com a possibilidade de segurar a ponta de uma fita em que foi dependurada uma série de chocalhos: a criança vai agarrá-la e sacudir – sem qualquer expectativa, nem compreender nada do que se refere às relações espaciais ou causais – todo o dispositivo. Surpreendida com o resultado, ela procura a fita e recomeça várias vezes o movimento. J.M. Baldwin qualificou tal reprodução ativa de um resultado obtido ao acaso, pela primeira vez, como “reação circular” que é, assim, um exemplo típico de assimilação reprodutora. (PIAGET, Jean, 2013, p.145).

Sendo assim, a partir do contato com o objeto, o bebê assimila esta ação aos seus esquemas, de modo a reproduzir aquela mesma ação. Isto, promove sensações, que levam a construção do conhecimento do “eu”, do próprio corpo, através do movimento, o desenvolvimento da motricidade e da afetividade. Por isto é de extrema importância atividades que proporcionem diversas situações de aprendizagem ao bebê ao qual ele possa experimentar, como por exemplo a música tema desta pesquisa.

Ademais, no período sensório motor, a criança pode imitar alguns sons, mas somente no final deste estágio, por volta dos 2 anos de idade, ela começa a adquirir a linguagem.

Durante o período sensório-motor, a imitação não passa de um prolongamento da acomodação própria dos esquemas de assimilação: quando sabe executar um gesto, o sujeito que percebe um movimento análogo (em outrem ou nas coisas) vai assimilá-lo como se fosse seu, e tal assimilação, por ser tanto motora quanto perceptiva, desencadeia o esquema próprio. Na sequência, o novo modelo provoca uma resposta assimiladora análoga, mas o esquema ativado é, então, acomodado às novas particularidades; no 6º estágio, essa acomodação imitativa torna-se possível, inclusive, no estado diferido, o que anuncia a representação. A imitação propriamente representativa só começa, pelo contrário, no nível da brincadeira simbólica porque, à semelhança do que ocorre com esta, ela pressupõe a imagem. (PIAGET, Jean, 2013, p.174).

O que Piaget nos diz, é que é natural da criança imitar, o bebê também possui esta capacidade ao se espelhar no adulto, porém é somente na fase pré-operatória que compreende a fase de 2 aos 5 anos, que a criança desenvolve a imitação simbólica com a capacidade de representação através de esquemas imagéticos, a criança assim o faz através da brincadeira. Como por exemplo, ao imaginar que uma caixa de fósforo pode ser um carinho, atribui a este o significante da brincadeira.

Mas o próprio símbolo só começa com a representação separada da ação própria: por exemplo, adormecer uma boneca ou um ursinho. Ora, precisamente, no nível em que o símbolo no sentido estrito aparece na brincadeira, a linguagem desenvolve, aliás, a compreensão dos signos. (PIAGET, Jean, 2013, p.173).

Podemos por assim dizer, que outro elemento crucial desta fase pré-operatória é o desenvolvimento da linguagem na criança, que como o próprio Piaget diz, possibilita a compreensão dos signos ao qual se atribui simbolismo a brincadeira. Lev Vygotsky, psicólogo cuja teoria se concentra no desenvolvimento infantil, destaca a importância da linguagem como meio fundamental de comunicação.

A criança ao adquirir a linguagem, externaliza seu pensamento e assim surge o pensamento verbal. A fala está relacionada ao comportamento, pois é comum que a criança pequena ao mesmo tempo que fala também age ao descrever o que expressa. Para Vygotsky a formação do pensamento se dá através da interação social. De acordo com a compreensão de Oliveira:

Segundo Vygotsky, a aquisição de um sistema linguístico, reorganiza, pois, todos os processos mentais infantis. A palavra dá forma ao pensamento, criando novas modalidades de atenção, memória e imaginação. Mas não só isto. Além de indicar um objeto do mundo externo, ela também especifica as principais características desse objeto (abstraindo-a das características dos demais objetos) generaliza as características percebidas e as relaciona em determinadas categorias. Daí a importância da linguagem para o pensamento: ela sistematiza a experiência direta da criança e serve para orientar o seu comportamento. (OLIVEIRA, 2010 p.58).

Ou seja, desse modo, a criança pode se comunicar melhor através da linguagem, expressando seus sentimentos e desejos. Emoções, como a empatia que estão relacionados aos sentimentos são “ações dos chamados neurônios espelhos”, termo nomeado pelo estudioso Giacomo Rizzolatti na década de 1980, que em 2006 lançou o livro *So quel che fai il cervello que agisce e i neurona specchio*. O autor afirma que esta descoberta é importante para os estudos de linguagem, mas não somente isto, os neurônios espelhos são responsáveis pela imitação de gestos e vocalizações, possibilitam a experiência da empatia como forma de comunicação, de forma a compreender a imagem do outro.

No que se refere aos seres humanos, esta capacidade existe desde cedo. Não há espelho nos berços dos bebês, mas mesmo assim os recém-nascidos conseguem imitar os pais, ou seja, mesmo sem ter visto o gesto no seu próprio corpo são capazes de imitar. Darwin já havia estudado o fenômeno da ressonância motora,

Observando que quando um atleta salta os espectadores movem os pés e isto independe de se ver a ação no próprio corpo. No entanto, com a descoberta dos neurônios espelho é possível perceber diferentes modos de comunicação, estabelecendo uma ligação bastante peculiar entre um sujeito e o outro. Seria também esta comunicação por ressonância que caracterizaria o relacionamento entre outros animais e não apenas o homem. Aprendizagem por imitação integra processos distintos: o que permite ao observador segmentar a ação em cada um dos elementos que a integra (sequências de atos já testados anteriormente) e outros que deveriam permitir que os atos motores fossem codificados de modo que a ação refletisse a ação do demonstrador (aquele que agiu primeiro).(GREINER, Christine, 2010,p.83).

Desse modo, pode-se compreender que a imitação se faz presente também na etapa da infância, como algo natural da criança e tanto Piaget quanto Vygotsky em suas teorias psicanalistas evidenciam este aspecto. Além disso, a autora Christine Greiner em seu livro “O corpo em crise” utiliza a teoria de Giacconi Rizzolatti também para explicar esta capacidade nas crianças através dos neurônios espelhos, que estão presentes no cérebro humano e são os responsáveis pela área que possibilita o ser humano imitar, e é claro esta imitação começa logo na infância. Além da imitação, tanto a percepção, os reflexos, o simbolismo, a brincadeira e a capacidade de se comunicar através da linguagem fazem parte da infância, não há como pensar em desenvolvimento infantil sem pensar nestes elementos.

Fica claro, portanto, que Piaget pensou a infância em etapas de desenvolvimento, que acontecem de modo sucessivo, para este autor, primeiro a criança se desenvolve biologicamente e depois aprende. Já Vygotsky, pensou ao contrário de Piaget, para ele a criança aprende ao mesmo tempo em que se desenvolve, tudo depende da qualidade de interação que ela possui com o meio e com os outros, e Greiner utilizou-se da teoria de neurônios espelhos, mas não somente dela, acrescentando outros aspectos importantes para compreensão do ser humano são evidenciados em seu livro “o corpo em crise”, a questão da percepção é um destes elementos:

Ao contrário do que parecia consensual no senso comum, a percepção não é apenas uma interpretação de mensagens sensoriais, mas uma simulação interna da ação, assim como, uma antecipação das consequências da ação (Berthoz, apud Greiner, 2010, 72)

Ou seja, antes de perceber, também agimos e interagimos com o mundo. É uma forma de se comunicar antes de agir. Vamos imaginar os bebês por exemplo, sua

forma de comunicação não é pela linguagem, mas suas ações estão pautadas pela maneira a qual ele percebe o mundo. Logo, ao realizar qualquer movimento antes de agir ele precisa perceber através de seus sentidos. Além do mais, ao mesmo tempo que percebo também imito, porque para imitar preciso observar algo ou alguém, antes de mais nada é um ato de criação, pois todo ser humano que é capaz de pensar, observar, também é capaz de criar. Dessa maneira, é muito importante que a criança possa experimentar e perceber o mundo a sua volta para aprender e desenvolver sua capacidade criativa.

1.1 A importância da música na educação infantil

1.2 O que é música?

Para compreender a importância da música na educação infantil, primeiramente deve-se perguntar, o que é a música? Qual o significado da música na educação infantil?

Digo que é preciso pensar em linguagem ao pensar música. O autor Bakhtin em sua obra pensa na linguagem como algo dialógico, necessária para a comunicação e que promove interação constituindo significados. E é na linguagem que a comunicação se apresenta de modo mais claro. Sendo assim pode-se entender que:

Por outro lado, a música enquanto linguagem específica apoia-se no expediente da partitura como tradicional registro gráfico. Do mesmo modo, ela realiza-se numa elaboração através do pensamento sonoro-musical atravessado quase sempre por sentimentos e sentidos intraduzíveis ou inexplicáveis e somente entendidos na dimensão do sensório, da intuição ou da transcendência, ou seja, numa dimensão estética. (SILVA, L.M. João, s.d, p.12)

Mesmo a palavra nos diálogos fora da música está vinculada a ela por intermédio do processo de criação. Nesse sentido, devemos comportar a palavra à margem das categorizações como dentro ou fora da música e sim constituinte do processo. Em busca por reforçar essa amalgama, trazemos uma contribuição da etnomusicologia por PINTO (2001, p.222): Na realidade música raras vezes apenas é uma organização sonora no decorrer de limitado espaço de tempo. [...] está quase sempre em estreita conexão com outras formas de cultura expressiva. (APUD SILVA, L.M. João, s.d, p.11)

Ou seja, a música é uma linguagem, um signo, assim como a palavra, materialização da comunicação, o ser humano atribuiu a música uma categorização

sonora, porém esta pode ser constituída de sons, mas não somente deste, podemos ver a música expressa no diálogo e em escritas de partitura por exemplo. Além disso, a música pode ser sentida através da percepção, do sensorial e da intuição que revelam um sentido estético.

Outrossim, a música é uma forma de educar o corpo, de acordo com Paviani:

Dessa forma, fica evidente que, ao tratarmos de educação estética, estamos lidando com a educação do corpo. Como dito acima, a autora defende a arte como esfera de manifestação de relações efetivas entre o corpo e a linguagem. Pois a dança, o canto, a pintura, a música e outras formas de linguagem, a cada momento, num processo incessante, procuram ultrapassar seus próprios limites. Ainda, Paviani (2011) defende que a linguagem do corpo e o corpo da linguagem são, ao mesmo tempo, sujeitos e objetos de educação. (APUD SILVA, L.M. João, s.d,p.11).

Educação estética é a educação do corpo, que é a manifestação da arte, indissociável da linguagem, pois é na música e em outras formas de artes que é possível se expressar e se comunicar com os outros.

Desse modo, entendemos que música é linguagem, é criação, dimensão estética, mas também é produto ideológico, pois a música está contida na palavra que acompanha toda criação ideológica, logo música é este produto cultural em que os seres humanos podem se comunicar.

2 O papel da música na escola e a importância da musicalização para os bebês

O papel da música na escola é introduzir as crianças em diversos âmbitos sonoros. Na escola a música deve fazer parte das brincadeiras e as aprendizagens devem ser múltiplas e significativas para as crianças. A escola complementa a ação da família e da comunidade de educar as crianças de modo integral para que estas possam se desenvolver. De acordo com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), 1996, Art. 29. A educação infantil, primeira etapa da educação básica, tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança até seis anos de idade, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, completando a ação da família e da comunidade.

A música influencia tanto na mobilização do sentido auditivo que faz parte da percepção e que acontece através da cognição e emoção, assim como nos aspectos sociais e culturais. A música faz parte da vida das crianças desde muito cedo, através das canções de ninar, das brincadeiras e das cantigas de roda. Pesquisas apontam sobre a importância de atividades que envolvam música, pois estas influenciam no desenvolvimento cognitivo, motor e afetivo das crianças. De acordo com as Diretrizes Nacionais para a educação infantil citados pela autora MEDINA (2017) a música e o brincar possuem uma forte ligação, tanto que nas línguas estrangeiras como por exemplo no inglês, as ações de brincar e tocar música é designado a palavra *to play* para as duas ações, como também a cultura é muito forte e presente para a transmissão da musicalidade e de brincadeiras através da oralidade. Proporcionar ambientes mais atrativos, criativos e acolhedores revelam que as crianças se sentem mais à vontade para se expressar e brincar.

De acordo com a Lei de Diretrizes e Bases (LDB) a educação infantil deve ser oferecida em creches para crianças de até 3 anos de idade, possuindo caráter não obrigatório e pré-escolas crianças de 4 até 5 anos, isto é, todas crianças possuem o direito à escolarização mesmo antes do primeiro ano de vida. Desse modo venho ressaltar algumas das importâncias que a música se faz presente nos primeiros anos de vida da criança, principalmente dos bebês.

O cérebro começa a se desenvolver mesmo antes dos primeiros anos de vida, ou seja, um bebê possui uma capacidade cerebral enorme. O Cérebro é um importante órgão do corpo humano composto por 12 bilhões de células e diversos neurônios que estão em constantes conexões e que podemos chamar de sinapses cerebrais.

O cérebro possui dois hemisférios: esquerdo e direito, sendo que o hemisfério direito é responsável pela percepção musical e de sons. Porém, sabe-se que hoje não somente este hemisfério é responsável pela aprendizagem musical, ou seja o hemisfério direito e esquerdo são interdependentes. Algumas concepções acreditavam que os bebês eram apenas seres passivos, mas os estudos revelam que os bebês possuem uma escuta aguçada, já que a audição é o primeiro sentido a

ser desenvolvido, desde de o ventre da mãe o bebe ja pode escutar diferentes sons.

De acordo com ILARI:

Curiosamente, os bebês não são passivos aos sons do ambiente acústico uterino; muito pelo contrário, os mesmos estão muito atentos ao ambiente sonoro, aprendendo sons diversos, de música e de linguagem. Com apenas três dias de vida, os bebês reconhecem e preferem a voz materna à voz de outra mulher (DeCasper e Fifer, 1980), reconhecem histórias (DeCasper e Spence, 1986), rimas, parlendas (DeCasper et al, 1994) e canções (Lamont, 2001) ouvidas durante o último trimestre da gravidez. (ILARI, Beatriz,2002, p.84).

Assim como o RCNEI também diz:

Os acalantos e os chamados brincos são as formas de brincar musical característicos da primeira fase da vida da criança. Os acalantos são entoados pelos adultos para tranquilizar e adormecer bebês e crianças pequenas; os brincos são as brincadeiras rítmico-musicais com que os adultos entretêm e animam as crianças, como “Serra, serra, serrador, serra o papo do vovô”, e suas muitas variantes encontradas pelo país afora, que é cantarolado enquanto se imita o movimento do serrador. “Palminhas de guiné, pra quando papai vier...”, “Dedo mindinho, seu vizinho, maior de todos...”, “Upa, upa, cavalinho...” são exemplos de brincos que, espontaneamente, os adultos realizam junto aos bebês e crianças. (RCNEI,1998, p.71).

O canto e as canções são muito importantes durante os primeiros anos de vida dos bebês e percebemos que eles são muito atentos e possuem capacidade de aprender diferentes sons. Por isso, canções de ninar, parlendas, rimas e histórias cantadas são muito importantes, pois embora o bebe não tenha desenvolvido a capacidade de falar através da linguagem, ele compreende através de sua audição e pode responder a estas ações através de outras maneiras, como por exemplo pelo movimento com o corpo, expressões faciais e balbucios. BEYER nos diz que:

O modo como o adulto interage com o bebê, a ligação forte e segura com um cuidador carinhoso parece influenciar de modo permanente a engenharia do cérebro, equipando-o contra os efeitos prejudiciais do estresse ou de traumas posteriores. Assim, pensamos na importância de propiciar aos bebês, também na música, momentos de interação significativa com adultos que os amam e com eles brincam de modo organizado e deste modo repetem inúmeras vezes atividades simples como cantar, cutucar, massagear ou dançar com o bebê (BEYER, 2008, p.272).

A pesquisadora BEYER, nos revela como a interação entre os pais e os bebês nas aulas de música são de extrema importância, através do programa de extensão “música para bebês” (UFRGS), o estudo da pesquisadora observou que crianças que possuem interação mais frágil com seus cuidadores se sentiam perdidas e pouco interagiam nas aulas. Isto revela que a negligência infantil pode impactar no desenvolvimento do bebê prejudicando sua capacidade de interagir. Porém quando este bebê era colocado em atividades musicais de grupo com outros bebês e instrumentos musicais conjuntamente com a professora, observa-se que houve uma mudança no padrão de interação, na qual a atividade de grupo pareceu beneficiar a criança com interação mais frágil com os pais a expressar se e interagir na companhia de outros bebês e da professora. Desse modo podemos concluir que a música pode ser um elemento muito importante para estabelecer esta conexão entre as crianças através de atividades de grupo, é benéfica para o seu desenvolvimento de modo que a criança possa se expressar e interagir através de movimentos com o corpo, balbucios e sorrisos, pode ser um trabalho também que aproxime mais o cuidador de seu bebê, principalmente o ato de cantar para seus bebês, já que o canto auxilia no desenvolvimento da relação afetiva entre pais e filhos.

Outro aspecto importante é que as canções de ninar podem ser benéficas para a redução da cólica dos bebês:

Alguns dias após o nascimento, as cólicas começam a surgir e a música de ninar parece beneficiar e ajudar a diminuir as cólicas infantis, proporcionando tranquilidade para o bebê e os pais ou responsáveis por esta vida ainda tão indefesa. (MARTINS, 2004). (APUD, GARCIA,P.Vitor, SANTOS,Renato, 2012, p.3).

Isto quer dizer que o ato de cantar para os bebês pode trazer este benefício, além de lhe transmitir aconchego e calma. De acordo com ILARI:

A importância da música e do canto dirigido ao bebê não se limita à relação bebê-pais/responsáveis. O uso da música e do canto tem beneficiado bebês prematuros e sob risco de vida (Caine,1991; Moore e Standley, 1996; Standley, 1998;1999; 2001), gestantes (Winslow, 1986), crianças e adolescentes hospitalizados (Klein e Winkelstein,1996). Intervenções musicais nas incubadoras dos bebês prematuros têm auxiliado na estabilização dos níveis de saturação de oxigênio (Moore e Standley, 1996), na redução de perda de peso (Caine, 1991), na redução de estresse (Caine,1991) e na redução de dias de hospitalização (Caine, 1991; Standley, 1999). (Apud ILARI, Beatriz, 2002, p.88).

A música neste sentido parece ter um efeito bem terapêutico para os bebês, principalmente de bebês prematuros que estão hospitalizados e precisam de maior atenção, a música auxilia em sua saúde.

Portanto, ao mesmo tempo em que o bebê busca captar o evento sonoro-musical que lhe é oferecido (caixinha de música, cantar, ninar, etc.), ele está também estruturando sua própria cognição. O que move todo este processo é o interesse que o bebê tem sobre a música, permeado pela questão emocional, do seu vínculo com aquele que oferece esta experiência. (BEYER, 2008, p.274).

Além dos benefícios que a música traz para a saúde do bebê, a música também é muito importante para sua cognição, através do interesse pelos sons, ele tem a capacidade de interagir com o adulto e expressar suas emoções, seja através de movimentos corporais, um sorriso, choro ou balbucio. Assim como, pode aproximar mais o educador do bebê.

3 A música na vida das crianças de 2 a 5 anos de idade

Anteriormente na última seção deste capítulo foi dito a importância da musicalização com os bebês, em diversos aspectos sendo eles: a melhora na saúde, cognição, interação, e aproximação com seus cuidadores. À medida em que a criança vai crescendo e se desenvolvendo ela vai ampliando suas capacidades, a partir dos 2 anos em diante como visto em Piaget no período pré-operatório, a linguagem começa a ser desenvolvida.

Cardoso e Sabbatini (2000) sugerem que a música pode constituir um estímulo importante para o desenvolvimento do cérebro da criança. O hábito de cantar e dançar com bebês e crianças, presente em praticamente todas as culturas do mundo (Ilari; Majlis, 2002), auxilia no aprendizado musical, no desenvolvimento da afetividade e socialização, e também no progresso da aquisição da linguagem (Ilari, 2002 a; Costa-Giomi, 2001). (APUD ILARI, 2008, p.14).

Isto quer dizer que o ato de cantar é muito importante para esta fase da criança, na qual ela está desenvolvendo sua linguagem, ao ouvir e interagir com os outros a música pode ser um estímulo, mesmo que a criança não cante a música toda ainda, se sentirá motivada para cantar uma música que ela goste e lhe dá prazer mesmo que seja apenas uma sílaba ou frase da canção. De acordo com ILARI:

Nos estudos revisados, os alunos musicalizados mostraram um desempenho superior ao de seus colegas não-musicalizados em tarefas de percepção e de articulação da fala. Um outro estudo (Thompson, Schellenberg & Husain, 2003) sugeriu que os músicos possuem uma habilidade superior aos não-músicos na percepção da prosódia na fala tanto em frases faladas como em frases musicais análogas. (ILARI, 2009, p.5).

Estudos da neurociência sustentam que linguagem e música são muito próximas e são duas formas de comunicação expressas através dos sons. A música e a linguagem às vezes podem até ser confundida pelas crianças no início da vida, porém quando as crianças começam a se desenvolver elas aprendem a diferenciar o canto da fala.

Além da linguagem, cabe destacar os aspectos da psicomotricidade que envolve a mente e corpo. Psicomotricidade e música são caminhos que se cruzam e podem ser trabalhados através de práticas musicais em sala de aula, como por exemplo aulas de música em grupo, com instrumentos de percussão que trabalham com o esquema corporal e o equilíbrio. Nesse viés, atividades em grupo que envolvem música podem desenvolver a lateralidade, noção de tempo e espaço, sentimentos de perdas e ganhos, ou seja, a psicomotricidade. Desse modo, pode-se trabalhar música através da psicomotricidade alcançando vários benefícios para o desenvolvimento infantil com atividades que envolvam as emoções, o corpo, e o movimento através da dança e da música, as crianças podem se expressar de maneira única trabalhando com mente e corpo ao manusear instrumentos musicais. De acordo com o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (RCNEI) (1998), é com três anos mais ou menos, que as crianças conseguem se interessar e sentir mais prazer com jogos que envolvem movimento. Isto possibilita o desenvolvimento motor e rítmico através da música, já que os modos característicos de expressão desta faixa etária compõem gesto, som e movimento.

Atividades como cantar fazendo gestos, dançar, bater palmas, pés, são experiências importantes para a criança, pois elas permitem que se desenvolva o senso rítmico, a coordenação motora, sendo fatores importantes também para o processo de aquisição da leitura e da escrita. (CHIARELLI; BARRETO, 2005, *APUD*, GARCIA, P. Vitor, SANTOS, Renato, p.7.)

Nesta etapa, observa-se que a criança, ao contrário do bebê, está aprimorando suas habilidades motoras e o senso rítmico de maneira mais efetiva. Ela incorpora a música em outras atividades lúdicas, como no jogo simbólico de faz de conta,

dramatizando situações sonoras ao cantar com suas bonecas e carrinhos, por exemplo. Esse envolvimento proporciona à criança um aspecto lúdico e divertido por meio da música e do brincar, permitindo-lhe explorar a criatividade, expressão e imaginação.

Além disso, atividades que envolvam a psicomotricidade e música proporcionam oportunidades para que as crianças desenvolvam suas habilidades motoras, controle muscular e se movam com destreza. O ritmo desempenha um papel na formação e equilíbrio do sistema nervoso, uma vez que a expressão musical alivia as tensões através da liberação de emoções e estimula reações motoras. Desse modo, podemos compreender que psicomotricidade e música são importantes para que a criança aprenda a ler e escrever. Para GOÉS:

As músicas são fortes aliadas também na hora de ensinar as crianças a ler e a escrever. Os especialistas afirmam que a familiaridade com textos conhecidos e apreciados pelas crianças facilita a alfabetização. Percebe que a combinação de determinadas letras resulta em cada uma das palavras do refrão de uma música conhecida e que é muito mais gostoso e interessante do que aprender a ler e escrever palavras isoladas. Isso aumenta a capacidade de compreensão da criança que, assim, tem mais possibilidades de interpretar e conhecer o mundo em que vive. (GOÉS, Raquel, 2009, p.15)

Apesar de haver poucos estudos na área, os resultados apresentados até o momento revelam que a música pode auxiliar na alfabetização:

Um estudo recente conduzido por Anvari e colegas (2002) sugeriu que a percepção musical tem uma relação estreita com o desenvolvimento da leitura e com a consciência fonológica (isto é, a habilidade que o ouvinte tem de segmentar a fala em unidades menores e ainda assim reconhece-las independentemente de variações em altura, tempo, timbre e contexto). (ILARI, Beatriz, 2009, p.5).

Porém, de acordo com a pesquisadora ILARI não há relações causais entre música e leitura, os estudos apenas sugerem que as crianças musicalizadas podem aprender a ler mais depressa, mas novos estudos são necessários para saber se há transferência cognitiva entre as duas áreas. Há poucos fatos comprovados.

Além disso, há a discussão causal entre música e o aprendizado matemático.

(...) indivíduos com prática musical apresentam melhor desempenho em tarefas de matemática, leitura, vocabulário, sintaxe e habilidades viso espaciais e motoras Estes achados demonstram significância estatística

tanto em testes comportamentais quanto eletrofisiológicos.(EUGENIO, Mayara, ESCALDA, Julia, LEMOS, Stela, 2012,p.2)

Mas de acordo com ILARI o autor Cutietta não encontrou estudos que comprovem uma melhoria das habilidades matemáticas através da música, o que o autor encontrou foi que alunos que eram bons em matemática também eram bons em música.

Desse modo podemos concluir que esses estudos são muito complexos, a música é uma importante ferramenta, mas não podemos concluir que ela pode auxiliar em outras áreas do conhecimento, o que sabemos é que a música pode auxiliar a criança em seus aspectos emocionais, cognitivos e motores.

Como sugerem diversos estudiosos, as práticas musicais das crianças e dos adultos são relevantes porque auxiliam no desenvolvimento auditivo, motor, cognitivo e social, além de ajudar a fortalecer as ligações afetivas nas famílias.

Talvez esses fatores expliquem sua ubiqüidade (ILARI, Beatriz,2009, p.1).

As habilidades cognitivas de atenção e memória demonstram melhorias significativas após a exposição à música. Essas habilidades estão associadas ao desenvolvimento da linguagem e à melhoria do processamento auditivo.

Além disso, há evidências de que a música pode ser uma grande aliada para crianças com necessidades especiais, pois:

Crianças mentalmente deficientes e autistas geralmente reagem à música, quando tudo o mais falhou. A música é um veículo expressivo para o alívio da tensão emocional, superando dificuldades de fala e de linguagem. A terapia musical foi usada para melhorar a coordenação motora nos casos de paralisia cerebral e distrofia muscular. Também é usada para ensinar controle de respiração e da dicção nos casos em que existe distúrbio da fala (BRÉSCIA, 2003, *Apud*, GARCIA, Vitor, SANTOS, Renato, p.10)

O que BRÉSCIA nos diz é que a música contribui para a cognição, e é um instrumento que favorece a inclusão de crianças portadores de necessidades especiais pelo seu caráter lúdico que possibilita a expressão e a imaginação.

Atividades de musicalização bem organizadas e com intencionalidades bem definidas pode melhorar a vida da criança com necessidades especiais em diversos

aspectos, sendo eles: físicos, afetivos e intelectuais. Também, podem aliviar as tensões, auxiliando o corpo a assimilar conceitos e levar a criança a interagir com os demais. A música concede às crianças com necessidades especiais a capacidade de ampliar seus limites físicos e mentais, contribuindo para despertar a percepção, a audição e o desenvolvimento da motricidade.

Desse modo, a música influencia de maneira positiva na vida destas crianças que possuem algum tipo de deficiência, melhorando seu desempenho na aprendizagem e na socialização, como também traz alegria e prazer a elas. Pois de acordo com o estudo de JOLY, observado com 18 crianças dentre elas que possuem síndrome de down, disritmia cerebral, paralisia cerebral entre outros que passaram por sessões de prática musical individual e em grupo, o que se observou nesta análise é a grande relação de afetividade que as crianças desenvolveram com a professora nas aulas de música, pois segundo relato da pesquisadora umas das meninas com quadro de paralisia cerebral chorava se não fosse a primeira a ser atendida pela a professora de música e também dava indícios de que não queria que a aula acabasse. Mesmo alguns anos após o estudo esta criança falava sobre as aulas de música, ou seja, isto quer dizer que o ela aprendeu lhe faça muito sentido e lhe trouxe alegria.

Além do mais, Chiarelli e Barreto (2005) exploram a teoria de inteligências múltiplas de Howard Gardner, evidenciando que cada pessoa possui um nível variado de habilidades em diversas áreas. As sete inteligências incluem a corporal-cenestésica, lógico-matemática, linguística, espacial, interpessoal, intrapessoal e musical. De acordo com Almeida et al. (2017, p. 97), uma das contribuições de Gardner é que "[...] ao internalizar os princípios dessa teoria, o educador pode reconhecer e aceitar que cada indivíduo é único, singular e, portanto, diferente dos demais ao seu redor." Assim sendo, ao levar em consideração essas diversas inteligências, a escola estará contribuindo para o desenvolvimento integral de cada aluno e promovendo uma educação verdadeiramente inclusiva.

Uma das inteligências que Gardner menciona é musical, que consiste na habilidade de cantar, reconhecer sons e tocar instrumentos. São muitos os benefícios de se trabalhar música em sala de aula, mesmo que a instituição escolar não tenha o

papel de formar músicos, seu objetivo é formar cidadãos com sensibilidade musical estética, isto contribui para integrar o indivíduo e melhorar sua função cerebral.

Desse modo, todas as crianças podem aprender música, sejam elas com necessidades especiais ou não, pois a música promove interação, prazer, imaginação, criatividade, expressão e alegria. Além disso, a música pode envolver outras atividades como a dança e a brincadeira que são outras formas na qual a criança pode se expressar principalmente com o corpo através do lúdico.

Conclusão

A música é uma linguagem, uma arte, que possibilita que o ser humano possa se expressar de diferentes maneiras e sempre esteve presente em diversos povos e culturas. Na antiga Grécia a música era obrigatória e há evidências que haviam orquestras naquela época. De acordo com BRÉSCIA:

Pitágoras de Samos, filósofo grego da Antiguidade, ensinava como determinados acordes musicais e certas melodias criavam reações definidas no organismo humano. “Pitágoras demonstrou que a sequência correta de sons, se tocada musicalmente num instrumento, pode mudar padrões de comportamento e acelerar o processo de cura” (BRÉSCIA, p. 31, 2003, *APUD*, LIMA, Grasielle, SANT’ANNA, Vera)

Podemos concordar com a teoria de ILARI (2002), conforme evidenciado em sua pesquisa sobre os benefícios do canto para bebês prematuros na incubadora. Dessa forma, a música pode desempenhar um papel auxiliar na saúde, uma vez que estudos indicam que ela pode ter efeitos terapêuticos.

Além dos efeitos terapêuticos, o que podemos concluir é que a música traz vários benefícios tanto aos bebês quanto as crianças, ao que tange a melhora na interação dos bebês com os pais proporcionando o desenvolvimento de uma relação afetiva entre eles, contribuindo para um ambiente mais alegre favorecendo a aprendizagem infantil.

Outrossim, a música desempenha uma função crucial no aprimoramento do desenvolvimento cognitivo infantil, estimulando a criatividade e a imaginação. Cada criança interpreta de maneira única ao ouvir uma melodia, expressando-se de forma subjetiva. Por meio de brincadeiras, elas têm a capacidade de criar situações e alternativas no jogo simbólico, brincar de faz de conta e se expressar de maneira singular por meio da música.

A psicomotricidade também é uma ferramenta eficaz que pode ser trabalhada em consonância com a musicalidade infantil por meio de atividades lúdicas que envolvam o corpo, ela pode desenvolver na criança a coordenação motora, a lateralidade, a espacialidade, as emoções e a socialização.

As crianças portadoras de necessidades especiais, também podem se beneficiar da música, os autistas podem ter melhora em suas crises com o trabalho da musicoterapia.

Outros benefícios proporcionados pela música incluem melhorias na linguagem e no processamento auditivo, podendo oferecer auxílio na alfabetização. No entanto, é importante destacar que não existem relações causais diretas entre música e leitura. Conforme indicam as pesquisas, crianças expostas à música podem apresentar um aprendizado mais rápido da leitura. Contudo, são necessárias investigações adicionais para determinar se ocorre uma transferência cognitiva entre essas duas áreas. Até o momento, há uma escassez de fatos comprovados nesse sentido.

Em matemática também não foi encontrado relações causais com a música, o que se constatou é que alunos que eram habilidosos em matemática eram destacados em música.

O que podemos compreender das pesquisas é que não quer dizer que ao aprender uma disciplina o aluno terá sucesso na outra, ou seja, não há garantias de que a criança ao aprender música se tornará muito habilidoso em matemática ou português, como já dito a música pode auxiliar sim na memória e na concentração mas não na transferência cognitiva entre as áreas do conhecimento, é preciso muita

cautela na interpretação dos resultados das pesquisas, bem como os métodos de investigação, pois ainda são poucos.

Em síntese, são esses os vários benefícios encontrados no qual a música pode proporcionar a criança, por isso ela é tão importante na escola, pois deixa a criança mais tranquila, feliz e relaxada estimulando a em vários aspectos para que ela possa ter uma infância mais leve através das brincadeiras cantadas, cantigas de roda, parlendas, contações de histórias, entre tantas outras atividades que envolvem música e que trabalham com a criança de maneira integral.

Referências

BEYER, Esther. A importância da interação no desenvolvimento cognitivo musical: um estudo com bebês de 0 a 24 meses. **Anais do SIMCAM4-IV Simpósio de Cognição e Artes Musicais**, p. 271-276, 2008.

BRASIL. Ministério de Educação e Cultura. **LDB - Lei nº 9394/96, de 20 de dezembro de 1996.**

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. *Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil*. Brasília: MEC/SEF, 1998.

DAVIS, claudia, OLIVEIRA, Zilma de. **Psicologia da Educação**. 3.ed. São Paulo: Cortez, 2010.

DE LIMA, Grasielle Perdigão; SANT'ANNA, Vera Lucia Lins. A música na educação infantil e suas contribuições. **Pedagogia em Ação**, v. 6, n. 1, 2014.

EUGÊNIO, Mayra Lopes; ESCALDA, Júlia; LEMOS, Stela Maris Aguiar. Desenvolvimento cognitivo, auditivo e linguístico em crianças expostas à música:

produção de conhecimento nacional e internacional. **Revista CEFAC**, v. 14, p. 992-1003, 2012.

GARCIA, Vitor Ponchio; SANTOS, Renato dos. A importância da utilização da música na educação infantil. **EFDeportes.com**, v. 17, p. 169, 2012.

GÓES, Raquel Santos. A MÚSICA E SUAS POSSIBILIDADES NO DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA. **Revista Udesc Virtu@ I**, v. 2, n. 1, 2009.

GREINER, Christine. **O corpo em crise, novas pistas eo curto-circuito das representações**. Annablume, 2010.

HECKLER, Ana Paula Guglielmi; BAUMER, Édina Regina. Os benefícios da música na aprendizagem e no desenvolvimento de crianças com autismo no ambiente escolar. **Revista Saberes Pedagógicos**, v. 5, n. 2, 2021.

ILARI, Beatriz. A música e o cérebro: algumas implicações do neurodesenvolvimento para a educação musical. **Revista da ABEM**, v. 11, n. 9, 2003.

ILARI, Beatriz. A música e o desenvolvimento da mente no início da vida: investigação, fatos e mitos. **Revista eletrônica de musicologia**, v. 9, 2005

ILARI, Beatriz. Bebês também entendem de música: a percepção e a cognição musical no primeiro ano de vida. **Revista da ABEM**, v. 10, n. 7, 2002.

JOLY, Ilza Zenker Leme. Música e Educação Especial: uma possibilidade concreta para promover o desenvolvimento de indivíduos. **Educação**, p. 79-86, 2003.

KOHAN, Walter Omar. A infância da educação: o conceito devir-criança. **Lugares da infância: filosofia. Rio de Janeiro: DP&A**, v. 1, p. 51-68, 2014

LOURO, Viviane Santos. Conceitos de psicomotricidade e o ensino de música. **Música na Educação Básica**, v. 9, n. 10/11, 2019.

MEDINA, Alice. As escritas corporais da caixinha de música: Educação Infantil. **Educar em Revista**, n. 64, p. 267-281, 2017.

PEREIRA, Joana Lopes. Relações com música na educação infantil: cenas de uma Escola Municipal de Educação Infantil em Porto Alegre/RS. **Revista da Abem**, v. 28, 2020.

PIAGET, Jean. **A psicologia da inteligência**. Editora Vozes Limitada, 2013.

PINHEIRO, Fernanda Viana et al. A contribuição da música na Educação Infantil. **Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação**, v. 7, n. 7, p. 1188-1204, 2021

SILVA, Lanzillotti, M, João. Construção de uma Metodologia para pesquisa de crianças em criação musical: contribuições. **ANPED**, GT 24-1715, 2012.